

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE



REUTERS/OSSERVATORE ROMANO/26-7-2013

Movimentos gays veem avanço na fala de Francisco

Para ex-reitor da PUC, no entanto, condenação do preconceito não é novidade dentro da Igreja

RAFAEL GALDO
rafael.galdo@oglobo.com.br

Movimentos sociais e entidades de defesa dos direitos LGBT receberam com surpresa, vindo como um passo importante no combate à discriminação dos homossexuais, as declarações do Papa Francisco em seu voo de volta a Roma. O Pontífice — que quando arcebispo de Buenos Aires foi um crítico da aprovação, na Argentina, do casamento entre pessoas do mesmo sexo — disse na viagem que o catecismo explica bem que os gays não devem ser discriminados, mas integrados na sociedade. E ainda afirmou que, se uma pessoa é gay e procura Deus, quem era ele para julgá-la. Declarações que, para o coordenador do programa estadual Rio Sem Homofobia, Cláudio Nascimento, dão uma contribuição importante ao debate sobre o ódio e o preconceito contra os homossexuais.

— Ele manda uma mensagem para seus fiéis, de que os dogmas da Igreja não podem ser usados para justificar a violência e a discriminação. Ainda é preciso esperar mais para ter clareza das consequências da entrevista do Pontífice. Mas o Papa tirou do armário o assunto, que veio para a antessala. Veremos, agora, se virá para a sala. Mas já é um passo importante — diz.

À ESPERA DE AÇÕES CONCRETAS Já o presidente do Grupo Arco-Íris, Julio Moreira, frisa que nunca foi uma pretensão dos movimentos LGBT interferir na doutrina da Igreja. Mas, defende ele, é preciso separar a questão religiosa dos direitos civis dessa população. E a fala de Francisco poderia indicar um caminho de diálogo, enquanto argumentos religiosos ainda são amplamente usados pelos que se opõem a igualar esses direitos:

— Agora, vamos esperar ações concretas da Igreja. Primeiro, vejo (as declarações) como uma posição dele (do Papa). Mas, como líder e com poder de influência, creio que ele possa inspirar outros católicos.

O padre Jesus Hortal, ex-reitor da PUC-Rio, por sua vez, ressalta que as palavras do Pontífice não indicam mudanças na Igreja:

— Não houve nada de novidade no que diz respeito à parte doutrinária. As pessoas já sabem o que pensa a Igreja. De-

vemos condenar o pecado, mas não o pecador. Não aceitamos essa conduta, está errada. Mas quem julga é Deus. Sem dúvida, porém, respeitamos essas pessoas.

Posição parecida com a do teólogo Paulo Bosco, da Universidade Católica de Brasília. A novidade, diz ele, é um Pontífice falando diretamente sobre o assunto:

— Ele fala diretamente desse acolhimento ao homossexual. A Igreja não é contra alguém, mas a prática não é virtuosa. Temos um Papa falando isso de forma direta: vamos amar aquele que está numa condição de segregado, tratado de maneira discriminatória.

Referências claras que são consideradas “um avanço único” por Carlos Alexandre Neves Lima, à frente interinamente da Coordenadoria da

Diversidade Sexual da prefeitura do Rio. E que o presidente da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, Fernando Quaresma, diz que alimentam “esperanças de uma mudança próxima”.

— O Papa está no topo da hierarquia da Igreja e pode, sim, fazer essas mudanças. No próprio cristianismo, Cristo sempre esteve do lado dos mais fragilizados. Hoje, entre outros grupos, os LGBTs estão entre os mais fragilizados. Nada mais justo do que uma visão mais humana sobre o tema — diz Fernando.

Nesse sentido, diz outro teólogo, Érico João Hammes, professor da PUC-RS, a Igreja Católica tem aprofundado estudos sobre homossexualidade:

— É preciso esperar a continuidade desses estudos e aguardar os avanços da própria sociedade. ●

‘A Igreja sempre acolheu a todos, não é uma novidade’

Corpo a corpo

Padre Luis Mello

Teólogo da Universidade Católica de Petrópolis, ele diz que declarações do Papa não representam mudanças na Igreja

● O que podem significar as declarações do Papa na defesa da não discriminação dos homossexuais?

A Igreja sempre acolheu a todos, não é uma novidade. É disso que o Papa fala, de acolher inclusive afetivamente essas pessoas. Mas não há outra doutrina moral católica, a não ser a da valorização da família constituída entre um homem e uma mulher e da castidade antes do casamento, por exemplo. O que não podemos é condenar alguém por suas práticas. Deus é que é o juiz. E, ao dizer que não se deve discriminar gays, o Papa não vai contra nenhuma das doutrinas da Igreja. Ele afirma que

devemos ter os corações abertos. É assim na questão da Aids, em que a Igreja sempre teve uma posição solidária, independentemente do que aquela pessoa tenha feito.

● O senhor acredita que o Papa tocou num assunto considerado um tabu?

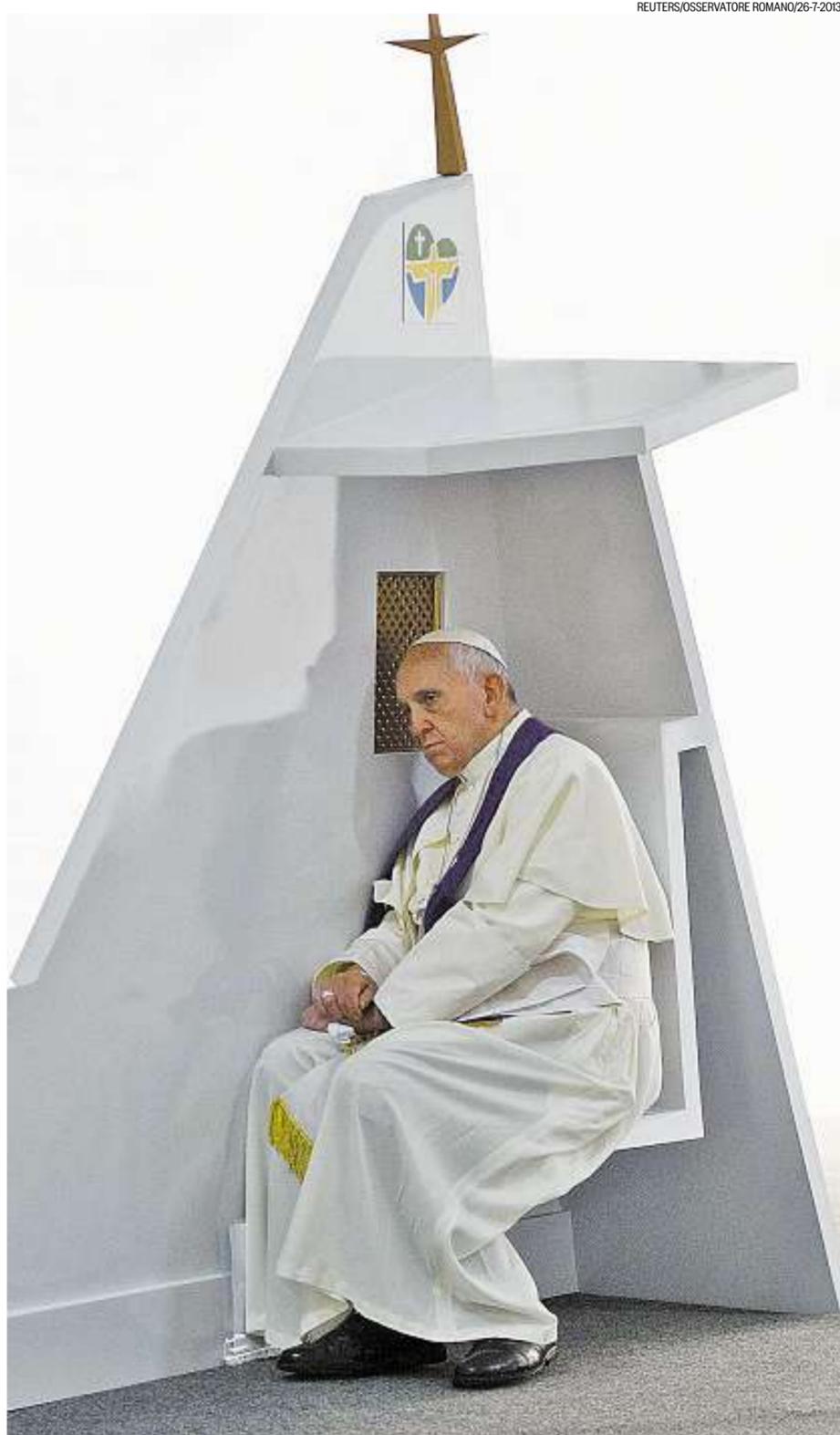
Não sei se o nome certo é tabu. O que existe é uma questão ética e moral. A homossexualidade não é um comportamento correto, segundo os valores cristãos.

● O Santo Padre condenou a formação de lobbies na Igreja, não importa se de gays ou de outros grupos...

O problema não é que seja um lobby gay ou político. O problema é haver lobbies que possam levar a Igreja a caminhos contrários ao que é pregado.

● Qual o legado da visita e dos discursos do Papa?

Eles trazem uma perspectiva positiva de renovação da Igreja e do mundo. ●



Ouvidos atentos. O Papa escuta a confissão de um fiel na JMJ: ele criticou o preconceito contra os homossexuais

▼ CAMPANHA CONTRÁRIA

UNIÃO HOMOAFETIVA OPÔS PAPA AOS KIRCHNER

JANAÍNA FIGUEIREDO
Correspondente
janaína.figueiredo@oglobo.com.br

-BUENOS AIRES- Em meados de 2010, quando o Congresso argentino se preparava para aprovar a histórica lei que permitiu o casamento entre pessoas do mesmo sexo, o então cardeal Jorge Mario Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires, assegurou, em carta enviada aos quatro principais mosteiros da cidade, que o projeto promovido pelo governo Kirchner representava “a pretensão de destruir o plano de Deus”. No documento, revelado

na época pelo jornal “La Nación”, o cardeal dizia ainda que no projeto estava “a inveja do demônio, pela qual o pecado entrou no mundo, que pretende destruir a imagem de Deus: homem e mulher que recebem o mandato de crescer, multiplicar-se e dominar a terra”.

Bergoglio foi um dos mais duros opositores do projeto enviado ao Congresso, que, após intenso debate, tornou-se lei. As críticas aprofundaram suas diferenças com Néstor e Cristina Kirchner.

Não que o relacionamento fosse bom. O ex-presidente Néstor Kirchner (2003-2007) se irritava com as homilias nas quais Bergoglio

falava da corrupção entre os políticos argentinos e questionava os altos índices de pobreza no país. Para Kirchner, eram ataques diretos a seu governo. Para Bergoglio, eram opiniões que ele, como arcebispo, não podia deixar de expressar.

O cardeal teve a mesma firmeza na campanha contra o casamento homoafetivo. Em sua carta, Bergoglio pedia aos mosteiros portenhos que “clamem ao Senhor para que envie seu Espírito aos senadores, para que não votem mobilizados pelo erro ou por situações de conjuntura, e sim pelo que é uma lei natural, a lei que Deus lhes ensina”.

Imprensa estrangeira destaca declaração sobre homossexualismo

Indianos, chineses e britânicos repercutem afirmação sobre gays

ANDRÉ LOBATO
andre.lobato@oglobo.com.br

Globalmente, houve mais destaque para a fala de Francisco sobre homossexuais do que para a Jornada Mundial da Juventude em si. Inicialmente mais restrita a nações cristãs, a cobertura da visita ao Papa foi só aparecer, por exemplo, no indiano “The Hindu”, publicado em inglês, depois de o Pontífice tocar nesse assunto, tabu para várias religiões.

“Papa diz que não julgará padres gays”, afirmou o jornal, dando destaque à sexualidade do clero, em abordagem semelhante à do “New York Times”. O jornal novo-iorquino observou ainda que a homossexualidade foi ignorada “por gera-

ções” como “um mal moral intrínseco” pelo Vaticano. O “Los Angeles Times”, que havia enviado uma correspondente para a Jornada, publicou uma análise afirmando que a viagem de Francisco ao Brasil foi um “sucesso estrondoso”.

Nas redes sociais, o tema também teve ampla circulação. Chegou a circular um vídeo com o Papa fazendo o sinal de ok com uma bandeira LGBT ao fundo.

Outros jornais, como o chinês “Global Times” e o coreano “Korea Herald”, ambos em inglês, deram menos ênfase ao clero, citando diretamente a frase de Francisco: “Quem sou eu para julgar gays?”. O “Herald” destacou ainda outro tema polêmico da coletiva no avião rumo à Itália: as mulheres. “Papa ‘não julga gays’ e pede um papel maior para a mulher”. Mas para o “Indian Express”, a declaração



Pope says he won't judge gay priests

Da Indonésia Jornal em inglês de Jacarta destaca fala do Papa Francisco

do Papa “chocou”.

O site em inglês da Aljazeera informava que, para o Pontífice, os gays “não devem ser julgados”. O serviço em árabe da emissora do Qatar, que, no entanto, não noticiou a fala de Francisco, nem sua presença no Rio.

Na “Russia Today” — país que vetou a adoção de crianças por estrangeiros oriundos de nações

onde o casamento gay é permitido — destaca apenas que “milhões se reuniram” na Praia de Copacabana. Mas, no site, uma reportagem de março ressaltava os esforços de Francisco, quando era arcebispo de Buenos Aires, para impedir a legalização da união homoafetiva na Argentina.

O assunto também teve destaque nos jornais do país vizi-

nho. Segundo o “La Nación”, “a comunidade homossexual argentina percebeu uma mudança de atitude do Papa em respeito aos gays”. Já o “Clarín” destacou as críticas do movimento LGBT. “O Papa vincula a diversidade sexual aos lobbies, à mentira e à fraude”. E lembrou que “ele é o mesmo que conclamou uma ‘guerra santa de Deus contra o plano do demônio’ do matrimônio igualitário”.

‘FT’: NOVA POSTURA

Já o “Página 12”, que anteriormente acusara o Papa de conivência com a ditadura argentina, destacou a frase “O problema não é ser gay, e sim fazer o lobby”. E também citou as declarações do Pontífice sobre o Vatileaks — que, para alguns analistas, pesou na renúncia de Bento XVI —, de que, embora não tenha ficado assustado, considerou o escândalo um

problema muito grande.

Na terra do Vaticano, o “La Repubblica” citou a frase do Papa, “Quem sou eu para julgar um gay?”, e citou a questão do chamado lobby gay que alguns apontam existir na Igreja. “O problema é o lobby, não o gay”. O “Corriere della Sera” teve abordagem semelhante.

O britânico “Guardian” e o “New York Times” deram em vídeo a fala do Papa sobre a importância da mulher, na figura de Maria, na Igreja Católica.

O “Financial Times” também apontou um “Papa mais conciliador em relação ao clero gay”, mas no fim da reportagem citou a possível reforma do Banco do Vaticano. E destacou a declaração de Francisco de que o que importa “é a transparência e a honestidade”. Em outra reportagem, ressaltou o estilo modesto do Papa, que “reflete um novo conjunto de prioridades”. ●